

**OS MISTÉRIOS DA VIDA DE CRISTO  
NAS CARTAS DE SANTO INÁCIO  
DE ANTIOQUIA E SUA IMPORTÂNCIA ATUAL**

*Álvaro Barreiro SJ*

O objetivo deste artigo é mostrar o lugar central que ocupam os mistérios da vida de Cristo – especialmente a encarnação e o nascimento, a paixão, a morte e a ressurreição – nas cartas de Santo Inácio de Antioquia e as razões pelas quais ocupam esse lugar. Ainda que de maneira muito breve, acenaremos também à importância que têm os mistérios da vida de Cristo na estrutura e na dinâmica dos *Exercícios Espirituais* de Inácio de Loyola. O que pretendemos mostrar com o nosso estudo é a importância e a atualidade dos mistérios da vida de Cristo para viver e testemunhar a fé cristã nos nossos dias. De fato, nas pessoas que nos nossos dias, na passagem do século XX para o século XXI, praticam a contemplação – e a conseqüente reflexão – sobre a vida de Jesus, sobre suas palavras e ações, continuam a brotar, como em Inácio de Antioquia, na passagem do século I para o século II, e em Inácio de Loyola, no século XVI, o amor apaixonado a Jesus Cristo, o desejo de segui-lo e o desejo de entregar-se ao serviço da comunidade dos seus discípulos, que é a Igreja, e ao serviço dos mais necessitados e excluídos das nossas sociedades.

## **1. Inácio de Antioquia, místico e teólogo, pastor e mártir**

Inácio, bispo da Igreja de Antioquia, foi preso por ser cristão no tempo de Trajano e enviado a Roma para ser devorado pelas feras (ca. 110). Ao longo da viagem, feita por mar e por terra, escreveu sete cartas às Igrejas da Ásia e ao bispo Policarpo (*Polic*). Em Esmirna (*Esm*), onde se encontrou com os representantes das Igrejas de Éfeso (*Efes*), Trália (*Tral*) e Magnésia (*Magn*), entregou-lhes cartas para serem lidas nas respectivas comunidades; lá escreveu também a carta à Igreja de Roma (*Rom*) anunciando sua chegada. As outras três cartas: à Igreja de Filadélfia (*Filad*), à Igreja de Esmirna e ao seu bispo Policarpo, foram escritas em Tróade. As cartas do bispo de Antioquia não foram escritas na paz de um lugar retirado nem como fruto de uma oração silenciosa. Foram escritas por um condenado à morte, vigiado ao longo de toda a viagem pelos dez soldados encarregados da sua custódia, que o agrediam como se fossem dez leopardos.

No último capítulo de sua obra *Jésus Christ*, Léon de Grandmaison, ao apresentar Inácio de Antioquia abrindo o cortejo das «testemunhas de Jesus na história», cita este texto de A. von Harnack: «Seu valor pessoal, como cristão e como escritor, aproxima Inácio, mais que todos os outros (Padres apostólicos), dos grandes apóstolos Paulo e João, ainda que fique longe deles. Ao mesmo tempo, representa tão bem a Igreja Católica nascente que, justamente por este motivo, muitos sábios protestantes se recusaram, durante séculos, a reconhecer nas suas cartas documentos autênticos do tempo de Trajano»<sup>1</sup>. «O que faz venerável esta voz – continua Grandmaison – não é só sua antigüidade, mas o tom pessoal, transido, apaixonado, que a distingue de todas as outras»<sup>2</sup>. «Testemunha irreprochável, este ardente amigo de Cristo foi, ao mesmo tempo, o mais antigo teólogo, depois de Paulo e João, da Igreja Católica»<sup>3</sup>.

As sete cartas de Inácio de Antioquia revelam-nos a fé e a caridade, a teologia e a mística do seu autor, seu amor apaixonado a Jesus Cristo e seu serviço incansável à Igreja. O cognome «o portador de Deus» (*Ignatios, ho kai Theofóros*), repetido na saudação inicial das sete cartas, talvez escolhido pelo próprio Inácio como lema de sua nova vida ao ser batizado, expressa o que ele é e o que ele quer que sejam os cristãos aos quais escreve. As cartas do bispo de Antioquia contêm também dados preciosos sobre a vida, os problemas e as estruturas ministeriais da Igreja no início do século II.

<sup>1</sup> L. de GRANDMAISON, *Jésus Christ. Sa personne, son message, ses preuves*. Vol. II. Beauchesne, Paris 1928, 6ª ed., p. 631.

<sup>2</sup> *Ibidem*.

<sup>3</sup> *Ibidem*, p. 634.

As semelhanças da teologia de Inácio com as teologias paulina e joanina são sempre mencionadas, de uma ou de outra forma, pelos estudiosos. Apaixonado por Jesus Cristo, tendo ao mesmo tempo um profundo sentido da disciplina e da unidade da Igreja, o bispo de Antioquia não se cansa de repetir, como o quarto evangelho e as cartas paulinas, que Jesus Cristo é nossa vida, nossa vida inseparável, nossa vida eterna; que fora dele não há vida verdadeira; que, como discípulos de Cristo, devemos segui-lo e imitá-lo nos seus sofrimentos até a morte; que a vida divina nos foi dada pela morte de Cristo e que à vida verdadeira só se chega pela morte.

## ***2. Lugar dos mistérios da vida de Cristo nas cartas de Inácio de Antioquia***

O lugar absolutamente primeiro e fundamental dado pelo bispo de Antioquia aos mistérios da vida de Cristo, especialmente aos mistérios da encarnação e do nascimento, da crucifixão e da ressurreição, distingue a mística cristã das formas gnósticas ou platônicas de misticismo. Neste item apresentamos, distribuídos em três grupos, os textos sobre os mistérios da vida de Cristo que aparecem com mais frequência e de maneira mais enfática nas cartas de Inácio. Porque não raro são mencionados vários mistérios numa só frase, as passagens nas quais isso ocorre são citadas várias vezes.

### ***Textos sobre a encarnação e o nascimento***

Nesta primeira série de textos Inácio afirma que Jesus Cristo é descendente da raça de Davi segundo a carne e nascido de Maria Virgem pelo poder do Espírito.

«Pois nosso Deus, Jesus Cristo, tomou carne no seio de Maria, segundo a economia divina, sendo de um lado descendente de Davi, provindo por outro do Espírito Santo» (*Efes 18,2*). «... Jesus Cristo, que descende segundo a carne de Davi, filho do homem e filho de Deus...» (*Efes 20,2*).

«Mantende-vos surdos na hora em que alguém vos falar de outra coisa que de Jesus, da descendência de Davi, filho de Maria, o qual nasceu de fato, comeu e bebeu ...» (*Tral 9,1*). «Nosso Senhor é verdadeiramente da linhagem de Davi, segundo a carne, Filho de Deus; porém, consoante a vontade e o poder de Deus, verdadeiramente nascido de uma Virgem» (*Esm 1,1*).

«Só há um médico, carnal e espiritual, gerado e não gerado, aparecendo na carne como Deus, na morte, vida verdadeira, nascido de Maria e de Deus, primeiro capaz de sofrer, depois impassível, Jesus Cristo Nosso

Senhor» (*Efes* 7,2). «Permaneceu oculta ao príncipe deste mundo a virgindade de Maria e seu parto, como igualmente a morte do Senhor: três mistérios clamorosos que se processaram no silêncio de Deus» (*Efes* 19,1)<sup>4</sup>.

### *Textos sobre o batismo e a paixão de Jesus*

Nas cartas de Inácio há duas referências ao batismo de Jesus. Na primeira é citado o texto de Mt 3,15: «foi batizado por João, para que por ele fosse cumprida toda justiça» (*Esm* 1,1); na segunda: «foi batizado para purificar a água pela paixão» (*Efes* 18,2), o batismo é relacionado com a paixão, relação conservada até hoje na liturgia síria.

Os textos sobre a paixão de Jesus Cristo são muito numerosos. No texto de *Efes* 19,1, citado no fim do item anterior, Inácio diz que «a morte do Senhor», junto com «a virgindade de Maria e o nascimento» de Jesus, fazem parte dos «três mistérios sonoros que não foram conhecidos pelo príncipe deste mundo e que se realizaram no silêncio de Deus». Em vez de ver neste texto um exemplo da influência das idéias gnósticas sobre a teologia de Inácio, devemos ver nele, pelo contrário, uma prova «do método inaciano de fazer a conexão entre a existência atual da Igreja e a existência histórica de Jesus»<sup>5</sup>. Essa mesma conexão aparece no texto que usa a imagem dos arquivos: «Para mim, meus arquivos são Jesus Cristo; meus arquivos invioláveis são sua cruz, sua morte, sua ressurreição; assim como a fé que nos vem dele! Nisso é que desejo, por vossa oração, ser justificado» (*Filad* 8,2).

Essa é a fé que Inácio procura aprofundar nas comunidades, como escreve aos tralianos: “padeceu verdadeiramente sob Pôncio Pilatos” (*Tral* 9,1); e de maneira mais incisiva na carta aos esmirnenses: é «... para vos convencerdes plenamente do nascimento, da paixão e da ressurreição que se deu sob Pôncio Pilatos. Tais coisas foram realizadas de verdade e de fato por Jesus Cristo, nossa esperança». «Tive conhecimento de que estais firmemente convencidos de que (...) Nosso Senhor (...) sob Pôncio Pilatos e o tetrarca Herodes foi também verdadeiramente pregado (na Cruz), na carne, por nossa causa, fruto pelo qual temos a vida, pela sua paixão bendita em Deus» (*Esm* 1,1-2).

---

<sup>4</sup> Inácio fala do silêncio de Deus também em *Efes* 15,1 e em *Magn* 8,2. Mais do que querer ver nesses textos influências gnósticas (de uma forma de gnosticismo que só aparecerá mais tarde), devemos ver neles uma expressão do sentido profundo que Inácio tinha, por influência dos escritos de Paulo e de João, do mistério de Deus (cf. P. Th. CAMELOT, *Op. cit.*, 88, nota 1, e P. E. ARNS, *Op. cit.*, p. 48).

<sup>5</sup> G. F. SNYDER, *Op. cit.*, p. 4.

### *Textos sobre a ressurreição*

No mistério pascal está condensada toda a fé cristã. Por isso Inácio exorta os esmirnenses a prestarem toda atenção «ao Evangelho, no qual nos é mostrada a paixão e a ressurreição consumada» (*Esm* 7,2). A paixão e a ressurreição são também citadas na saudação da carta aos tralianos, os quais são exortados a viverem «segundo Jesus Cristo que morreu por nós, a fim de que, crendo na sua morte, escapeis da morte» (*Tral* 2,1). Na mesma linha escreve aos magnésios: «... vivendo segundo o dia do Senhor, no qual nossa vida se levantou por ele e por sua morte, embora alguns o neguem. Mas é por esse mistério que recebemos a fé e por ele é que perseveramos...» (*Magn* 9,1).

A fé na ressurreição corporal de Jesus, que vence a morte, é a fé que Inácio anuncia aos esmirnenses: «Eu sei e dou fé que ele, mesmo depois da ressurreição, permanece em sua carne. Quando se apresentou também aos companheiros de Pedro, disse-lhes: Tocai em mim, apalpai-me e vede que não sou espírito sem corpo. De pronto nele tocaram e creram, entrando em contato com seu corpo e com seu espírito. Por isso desprezaram também a morte e a ela se sobrepuseram. Após a ressurreição, comeu e bebeu com eles, como alguém que tem corpo, ainda que estivesse unido espiritualmente ao Pai» (*Esm* 3,1-3).

À ressurreição de Jesus Cristo está indissolivelmente unida a ressurreição dos que crêem nele. «O qual de fato também ressurgiu dos mortos, ressuscitando-o o próprio Pai. É o mesmo Pai dele que, à sua semelhança, ressuscitará em Cristo Jesus aos que cremos nele; fora dele, não temos vida verdadeira» (*Tral* 9,2; cf. *Esm* 1,2).

### **3. A realidade dos mistérios da vida de Cristo é afirmada contra os docetas**

Inácio de Antioquia enfatiza tanto a realidade dos mistérios da vida de Cristo porque eles são artigos de fé da Igreja, que eram negados pelos docetas. Nos dois primeiros números da carta aos esmirnenses Inácio resume os artigos cristológicos que fazem parte do credo das Igrejas da Síria. Sentindo-se também ele responsável por essas Igrejas, afirma que Jesus Cristo assumiu nossa carne pelo poder de Deus, que nasceu de uma virgem, que foi crucificado e que morreu por nós no tempo do governador Pôncio Pilatos e do tetrarca Herodes (cf. os textos já citados de *Esm* 1,1-2 e *Efes* 18,1-2).

Inácio conhecia, pela experiência do seu pastoreio nas comunidades cristãs da Síria, as correntes docetistas, que negavam a realidade da carne de Cristo (cf. *Tral* 5,1-2; 10,1; *Esm* 2,1; 4,2; 6,1); negação que

implica a negação de toda a fé cristã. Por isso, o bispo de Antioquia exorta reiteradamente as comunidades a não se deixarem seduzir pelas elucubrações dos docetas (*Tral* 5,1-2; 6,2; 7,1; *Esm* 6,1) e a se manterem afastadas deles (*Efes* 9,1; *Esm* 4,1; 7,1)<sup>6</sup>.

Inácio combate as posições dos docetas afirmando vigorosamente a realidade dos mistérios que eles negavam, mistérios que faziam parte da regra da fé e que já tinham sido fixados pelo uso litúrgico. Argumentando contra a tese dos docetas, segundo a qual o corpo de Jesus era um fantasma (cf. *Esm* 3,2) e que, portanto, seus sofrimentos e sua morte eram uma aparência (cf. *Esm* 2 e *passim*), Inácio afirma a realidade da humanidade de Jesus e diz que se refugia no Evangelho «como na carne de Jesus» (*Filip* 5,1).

Os docetas reconheciam o valor salvífico do batismo no Jordão, quando o Espírito irrompeu sobre Jesus; negavam, porém, a realidade e o valor salvífico dos artigos cristológicos da profissão de fé. Contra as afirmações dos docetas, segundo as quais Cristo só sofreu «na aparência», Inácio usa reiterada e enfaticamente o advérbio «verdadeiramente» (*alethōs*): “padeceu verdadeiramente”, “ressuscitou verdadeiramente” (cf. *Esm* 1,1-2; *Tral* 9,1-2 e *Esm* 2,1). O nascimento, a paixão e a morte de Jesus Cristo aconteceram em determinados lugares do Império Romano em tempos determinados: quando Jesus nasceu, era imperador César Augusto e Herodes tetrarca; e quando foi crucificado, era imperador Tibério e governador Pôncio Pilatos.

Se a vida de Cristo foi só aparência e ilusão, também a fé e a vida dos cristãos são ilusão e aparência; o próprio Inácio seria uma falsa testemunha de Deus (cf. *Tral* 10). Mas não, repete uma e outra vez o bispo de Antioquia, a vida de Cristo foi tão real quanto a nossa, o sofrimento de Cristo foi tão real como as cadeias que ele carregou (cf. *Tral* 9-10; *Esm* 1,2). Neste contexto devem ser entendidas as reiteradas afirmações feitas nas suas cartas sobre a verdade da “carne de Jesus” (cf. *Esm* 4,2; *Efes* 20,2; *Esm* 1,1 e 3,3; cf. ainda *Filad* 4,1; 5,1; *Rom* 7,3; *Tral* 8,1). Quando Inácio fala da realidade da carne de Jesus, o termo «carne» deve ser entendido, portanto, não no sentido paulino de fraqueza, mas no sentido joanino do realismo da encarnação. Porque Jesus de Nazaré, o filho de Maria, é também o Filho de Deus (*Efes* 20,2), sua paixão é a paixão de Deus. É o que afirma literalmente a carta aos romanos: «Permiti que seja imitador da paixão de Deus» (*Rom* 6,3).

As posições dos gnósticos, que Inácio combate por serem incompatíveis com a fé cristã, são muito parecidas com alguns dos erros combatidos nas cartas de João, dirigidas à Igreja da Ásia (cf. 1Jo 1,1-3; 2,22; 4,1-3.15; 5,5; 2Jo 7). Não se trata ainda dos grandes sistemas gnósticos

<sup>6</sup> Cf. J. RIUS-CAMPS, *Op. cit.*, pp. 456-457.

dualistas do século II, contra os quais escreverá Irineu, 60 anos mais tarde; trata-se de um gnosticismo incipiente e pouco elaborado, contra o qual Inácio reage acentuando os aspectos da doutrina cristã que são negados por ele. Aceitar a verdade da humanidade de Jesus, aceitar a realidade da encarnação, do nascimento, da paixão, da morte e da ressurreição é um escândalo intolerável para os docetas contemporâneos de Inácio, que elaboram toda uma construção teórica para eliminar esse escândalo. Inácio resume a posição deles na frase: «O Cristo só sofreu na aparência (*tò dokein*)» (*Tral* 10,11; *Esm* 2,1; 4,2)<sup>7</sup>.

Nos debates cristológicos posteriores, o caminho encontrado pelos docetas para evitar o grande escândalo de ter que aceitar que Jesus de Nazaré, o Crucificado, é verdadeiramente o Filho de Deus, será negar a divindade de Jesus Cristo. O docetismo combatido por Inácio não nega propriamente a união da natureza divina e da natureza humana em Jesus Cristo, mas nega a realidade da paixão, do sofrimento e da morte do Filho de Deus na cruz<sup>8</sup>. Em outras palavras, não aceita a “loucura” e o “escândalo” da cruz de Cristo, proclamados por Paulo em 1 Cor 1,23. A encarnação do Verbo eterno de Deus, a paixão e morte de Jesus Cristo não podem, de fato, ser explicadas pela nossa lógica. Só podem ser compreendidas como manifestações da «loucura divina» (*theia manía*), do «amor louco» (*manikòs éros*) de Deus por nós. É na história do Verbo de Deus encarnado que nos é revelado e oferecido o amor extremo de Deus por nós.

Encerramos este item citando dois textos nos quais Inácio de Antioquia defende, num estilo apaixonado, que Jesus Cristo foi portador de uma carne como a nossa. Essa sua carne – que é nossa carne – foi crucificada; mas ao terceiro dia foi ressuscitada pelo poder de Deus.

«De que me serve que alguém me louve – escreve Inácio aos esmírnenses – se [a pessoa que me louva] blasfema contra meu Senhor, não confessando que ele é portador da carne (*sarkofóros*)? Os que não confessam que Jesus Cristo foi verdadeiro *sarkofóros* (isto é, que assumiu verdadeiramente nossa carne) são eles próprios *nekrofóroi* (isto é, portadores da morte). Com efeito, se não há ressurreição dos mortos, somos portadores de corpos que estão condenados a se tornarem cadáveres, a serem condenados à morte para sempre. Quem não professa isto, nega-o por completo e é um *nekrofóros* (isto é, um portador de um cadáver)» (*Esm* 5,2)<sup>9</sup>.

<sup>7</sup> O termo «docetismo» só aparecerá mais tarde, com Clemente de Alexandria (*Strom.*, VII, 17, 108). Cf. P. Th., CAMELOT, *Op. cit.*, p. 27, nota 1.

<sup>8</sup> Cf. M. RACKL, *Op. cit.*, pp. 89-144.

<sup>9</sup> P. Th. CAMELOT comenta assim o jogo de palavras com os termos *nekrofóros* e *sarkofóros*. «Os docetas, que negam a carne de Cristo, estão mortos para a vida espiritual, e não carregam mais do que um cadáver privado da ressurreição gloriosa» (*Op. cit.*, 160, nota 1).

#### ***4. Importância e atualidade permanentes dos mistérios da vida de Cristo***

*Jesus Cristo não é uma idéia. É o Verbo eterno de Deus encarnado no nosso mundo e na nossa história*

As repetidas e enfáticas afirmações de Inácio sobre a realidade da humanidade de Jesus, sobre a verdade de sua encarnação, vida, morte e ressurreição, são tão atuais e tão escandalosas, hoje, como há 20 séculos. E as conseqüências que se derivam da fé na realidade dos mistérios da vida de Cristo são tão importantes e necessárias para a vida e para a missão dos cristãos de hoje como para os cristãos contemporâneos de Inácio de Antioquia. Uma das heresias que rondam e ameaçam os cristãos de hoje, como leões prontos para devorá-los, é justamente a de considerar Jesus Cristo como uma «idéia» ou um «ideal», mas não como o que ele realmente foi: uma pessoa real, que armou sua tenda no meio das nossas tendas, que viveu nossa história, que percorreu nossos caminhos, que partilhou das “nossas alegrias e tristezas”; enfim, que viveu nossa vida e morreu nossa morte.

A afirmação da realidade dos mistérios da vida de Cristo e do seu significado salvífico é também atual pelas conseqüências que (de maneira explícita ou implícita) são tiradas de duas posições opostas. Como os docetas contemporâneos de Inácio, alguns movimentos religiosos atuais não dão valor ao serviço prestado aos irmãos mais necessitados nem à luta pela justiça do Reino e pela libertação dos pobres. Segundo esses movimentos, o importante é fazer a experiência do “batismo no Espírito”. Ora, é justamente o Espírito de Jesus quem mantém viva na Igreja a memória de Jesus. Por isso mesmo, o Espírito nos recorda sempre as palavras e ações com as quais Jesus proclamou a vinda do Reinado da justiça e da misericórdia de Deus na nossa história. Por isso mesmo, os prediletos dessa justiça e dessa misericórdia de Deus devem ser para nós, como foram para Jesus, os que mais precisam delas: os pecadores e os pobres.

Se quisermos, pois, ser fiéis ao Evangelho de Jesus e à fé da Igreja dos Apóstolos que nos transmitiram essa fé, se quisermos ser salvos por essa fé, devemos comportar-nos como se comportou Jesus de Nazaré, o Jesus dos Evangelhos, que foi a epifania da condescendência de Deus, desde a Encarnação, pela qual desceu do céu para assumir nossa humanidade, até a Ascensão, pela qual subiu ao céu, carregando consigo sua humanidade glorificada, como penhor da nossa glorificação. Por isso, também em nós, como em Inácio de Antioquia – e como, quatorze séculos mais tarde, em Inácio de Loyola – fé e caridade, experiência pessoal de Jesus Cristo e seguimento de Jesus Cristo, fé

pessoal e fé eclesial, mística e serviço, devem ser vividos como inseparáveis.

Inácio de Antioquia alerta também contra os «judaizantes», que falam de Jesus Cristo, mas não aceitam o caráter salvífico dos mistérios de sua vida. Defendem, pelo contrário, a volta à observância do sábado e aos outros preceitos da lei judaica (cf. *Magn* 1,2; 8,1; 9,1; 10,2; *Filad* 6,1; 8,2). Esta é uma tentação permanente da Igreja; vale dizer, é uma tentação permanente para todos nós. A tentação pode apresentar-se sob as aparências mais diversas; mas fundamentalmente ela consiste em não aceitar a novidade radical de Jesus Cristo, em não crer na novidade escatológica de Jesus Cristo e, conseqüentemente, não se entregar incondicionalmente a ele.

### ***Jesus Cristo viveu uma vida verdadeiramente humana para nos fazer participantes da vida verdadeira e eterna***

Jesus Cristo é o Verbo eterno de Deus que assumiu nossa condição humana fazendo-se como um de nós (Fl 2,6-7), que “se encarnou e armou sua tenda no meio de nossas tendas” (Jo 1,14), que viveu uma verdadeira história humana e que morreu crucificado.

Antes de afirmar que seus «arquivos invioláveis são Jesus Cristo, sua cruz, sua morte, sua ressurreição», o bispo de Antioquia tinha afirmado «buscar refúgio no Evangelho como na carne de Jesus» (*Filad* 5,1). Para Inácio, o Evangelho é a vida de Jesus, do nascimento até a morte. O mesmo tema é desenvolvido na carta aos tralianos: «Jesus (...), filho de Maria (...), foi de fato perseguido sob Pôncio Pilatos, de fato foi crucificado e morreu à vista dos que estão nos céus, na terra e debaixo da terra» (*Tral* 9,1). Inácio é o único dos Padres Apostólicos que menciona diretamente Pilatos e Herodes para indicar quando Jesus Cristo sofreu a paixão e a morte. É, como já fizemos notar, uma maneira de afirmar – contra os docetas – a realidade histórica da vida e da morte de Jesus<sup>10</sup>.

A certeza da realidade dos mistérios da vida de Jesus Cristo: sua encarnação, seu nascimento virginal, sua morte sob Pôncio Pilatos, sua ressurreição corporal (*Tral* 9,1-2; *Esm* 1, 1-2; 3,3; *Magn* 11), fundamentam a vida e a esperança cristãs, o amor e a fidelidade a Jesus Cristo até a morte. Este é o argumento usado por Inácio na carta aos tralianos: «Pois se como dizem certos ateus, isto é, infiéis, ele só sofreu em aparência [...], por que estou em grilhões? Por que desejo combater com as feras? Morro, pois, em vão» (*Tral* 10). No mesmo sentido, Inácio se pergunta na carta aos esmirnenses: «Pois, se nosso Senhor só realizou as obras na aparência, então também eu estou preso só aparentemente. Por que então me entreguei a mim mesmo à morte, ao fogo, à espada,

<sup>10</sup> Cf. G. F. SNYDER, *Op. cit.*, p. 6 e *passim*.

às feras?» (*Esm* 4,2). E escrevendo a Policarpo lhe diz: «Espera aquele que está por cima de toda vicissitude, o atemporal, o invisível que por nossa causa se fez visível; o impalpável, o impassível que por nós se fez passível, o que por nós sofreu de todas as maneiras» (*Polic* 3,2).

Porque Jesus Cristo verdadeiramente nasceu, padeceu e ressuscitou, Inácio pode escrever: «Mas, quando tiver padecido, tornar-me-ei alforriado de Jesus Cristo, e renascerei nele, livre. Agora, nos grilhões, aprendo a nada desejar» (*Rom* 4,3). E mais adiante, na mesma carta: «É bom para mim morrer (para me unir a Jesus Cristo), mais do que reinar até os confins da terra. A ele é que procuro, que morreu por nós; é ele que eu quero, que ressuscitou por nossa causa» (*Rom* 6,1).

### *Jesus Cristo, revelador do Pai e vida do cristão*

O Deus dos cristãos é invisível (*aóratos*), mas não incognoscível (*ágnostos*). O Pai invisível entrou na nossa história e revelou-se para nós na encarnação, vida, morte e ressurreição de seu Filho Jesus Cristo. Nisto se distingue o conhecimento cristão de Deus da «falsa gnose». O Deus da fé cristã só pode ser conhecido e amado em Jesus Cristo. Nas suas palavras e ações revelou-se de uma vez por todas. Este tema aparece repetidas vezes nas cartas de Inácio<sup>11</sup>. «Há um só Deus que se manifestou por Jesus Cristo seu Filho» (*Magn* 8,2). «Jesus Cristo (...) é a boca sem mentiras, pela qual o Pai falou a verdade» (*Rom* 8,2). «Não vos deixeis iludir pelas doutrinas heterodoxas, nem pelos velhos mitos sem utilidade» (8,1). «Há um só Deus, manifestado por Jesus Cristo seu Filho, sua palavra saída do silêncio, que em tudo agradou àquele que o enviou» (*Magn* 8,2).

Se cremos que essas afirmações são verdadeiras, devemos deixar-nos questionar radicalmente pela pergunta de Inácio: «Por que não nos tornamos todos sábios, recebendo o conhecimento de Deus, que é Jesus Cristo?» (*Efes* 17,2). As comunidades eclesiais são concebidas pelo bispo de Antioquia como comunidades peregrinas, a caminho do encontro com o Pai, quando alcançarão sua plenitude. Segundo Inácio, Jesus Cristo «manifesta-se mais desde que está oculto no Pai» (*Rom* 3,3).

Se Inácio quer morrer, não é para desaparecer no abismo de Deus. Para o bispo de Antioquia, Deus não é, como é para a gnose que ele combate, um abismo impessoal; é o Deus que nos foi revelado em Jesus Cristo, o Verbo eterno de Deus, o qual “antes dos séculos estava junto do Pai e nos últimos tempos se manifestou” (*Magn* 6,1). Inácio sabe que “há um só Deus, que se manifestou por Jesus Cristo, seu Filho, sua Palavra saída do silêncio, que em tudo agradou àquele que o enviou” (*Magn*

---

<sup>11</sup> Cf. O tema é desenvolvido por R. D. YOUNG no seu estudo “Ignatius of Antioch, ‘Attaining the Father’”.

8,2). E sabe também que, morrendo, Deus Pai o ressuscitará, como ressuscitou a Jesus, para a comunhão eterna com ele.

Se Jesus Cristo é quem nos revela Deus, se a vida cristã consiste no conhecimento de Deus e do seu enviado Jesus Cristo (Jo 17,3), podemos afirmar com toda verdade, com o bispo de Antioquia, que Jesus Cristo é a vida dos cristãos, que o mandamento que contém todos os outros é viver em Cristo, que nenhum cristão verdadeiro pode viver sem Cristo. Inácio retoma uma e outra vez este tema: «Jesus Cristo, nossa vida inseparável» (*Efes* 3,2); «em sua morte, vida verdadeira» (*Efes* 7,2); «nossa vida verdadeira» (*Esm* 4,1); «nossa vida para sempre» (*Magn* 7,1; cf. *Efes* 20,2).

Se Jesus Cristo é a «vida verdadeira», a «vida para sempre», o cristão deve viver unido a «Jesus Cristo em todas as coisas» (*Efes* 20,2). Se «nada é preferível a Jesus Cristo» (*Magn* 7,1), a conclusão tirada por Inácio está certa: «Não escuteis a ninguém que vos fale de outra coisa que de Jesus Cristo na verdade» (*Efes* 6,2). E mais adiante: «Fora dele, nada tenha valor para vós. É nele que carregos os grilhões, estas pérolas espirituais» (*Efes* 11,2). Se Jesus Cristo é a «vida verdadeira», a «vida para sempre», para podermos viver essa vida também nós temos de ressuscitar depois da nossa morte. Inácio tira essa conseqüência afirmando que o mesmo Pai que ressuscitou Jesus dos mortos “ressuscitará em Cristo Jesus aos que cremos nele. Fora dele, não temos vida verdadeira” (*Tral* 9,2). «Só o fato de nos encontrarmos em Jesus Cristo nos garantirá entrada para a vida verdadeira» (*Efes* 11,1).

## ***5. Amor a Jesus Cristo e mística de serviço em Inácio de Antioquia e em Inácio de Loyola***

### ***O cristão, discípulo e seguidor de Jesus Cristo***

A vida nova do cristão deve manifestar-se num comportamento novo, que tem sua origem e seu modelo no comportamento de Jesus. Em outras palavras, o cristão deve ser um discípulo, um imitador, um seguidor de Jesus Cristo. Para viver segundo Deus é necessário «imitar Jesus Cristo» (*Tral* 1,2; 2,1). «Tornando-nos discípulos seus, aprendamos a viver segundo o cristianismo» (*Magn* 10,1)<sup>12</sup>. O seguimento e o discipulado de Jesus têm de manifestar-se nas obras, como afirmam as cartas aos cristãos de Esmirna e de Éfeso: «Os que professam ser de

---

<sup>12</sup> Foi em Antioquia que os «irmãos» foram chamados pela primeira vez «cristãos» (cf. *At* 11, 26). E foi o segundo bispo de Antioquia quem usou pela primeira vez o termo «cristianismo» (cf. 10,3; *Rom* 3,1; *Filad* 6,1; cf. também o Martírio de Policarpo, 10,1).

Cristo serão reconhecidos pelas obras» (*Efes* 14,2). «Permiti aos outros homens que se instruem junto a vós por vossas obras» (*Efes* 10,1).

A imitação, o discipulado, a identificação com Jesus Cristo no sofrimento devem ir até a morte. «Para padecer junto com Ele, tudo suporte, confortado por ele, que se tornou perfeito homem» (*Esm* 4,2). Inácio espera, graças às orações dos efésios, «chegar até Roma» e lá «combater as feras (...) a fim de ter a felicidade de tornar-me discípulo» (*Efes* 1,2). «Esforcemo-nos por sermos “imitadores do Senhor”: quem foi mais do que Ele injustiçado? Quem mais despojado? Quem mais desprestigiado?» (*Efes* 10,3). Entregando a própria vida como Cristo, seguindo o Mestre até o fim (cf. *Magn* 5,2), o mártir começa finalmente a ser um verdadeiro discípulo (cf. *Rom* 4,2; 5,3). Isso é o que Inácio deseja e busca: «encontrar Deus», morrer para «nascer para a vida», para a «vida verdadeira» (*Rom* 6,2; cf. *Tral* 11,2; *Efes* 4,2)<sup>13</sup>. Se crermos no mistério de sua morte, seremos de fato discípulos de Jesus Cristo nosso único Mestre (*Magn* 9,1).

Inácio quer imitar o Filho de Deus encarnado, Jesus Cristo, que quis sofrer por nós; quer ser “um imitador do sofrimento de meu Deus” (*Rom* 6,3). Sobre seu amor a Jesus Cristo tinha escrito imediatamente antes, num estilo no qual ecoa o tom apaixonado de Paulo em 1 Cor 9,15: “É bom para mim morrer [para estar unido] a Cristo Jesus mais do que reinar até as extremidades da terra. É ele que busco, o que morreu por nós; é ele que eu quero, o que ressuscitou por nós. A hora do parto/nascimento é iminente” (*Rom* 6,1). E logo depois acrescenta: “Na me impeçais de viver, não queirais que eu morra. Não entregueis ao mundo aquele que quer ser de Deus” (*Rom* 6,2).

Apassionado por Jesus Cristo, Inácio não pode viver sem ele. Jesus Cristo é tudo para ele. O nome de Jesus Cristo é repetido em todas as páginas de suas cartas<sup>14</sup>. A carta aos romanos revela-nos a altura e a profundidade de sua fé e a profundidade e o ardor do seu amor a Cristo<sup>15</sup>. Por outro lado, o mesmo Inácio, carregado de cadeias a caminho do martírio, apresenta-se na carta aos tralianos como humilde discípulo de Jesus Cristo: “Não poderia ter a presunção, não sendo mais do que um condenado, de dar-vos ordens como se fosse um Apóstolo” (*Tral* 3,3). E pelo temor de ser mal compreendido, recusa-se a falar-lhes de seus carismas e revelações sobrenaturais (5,1-2). Sentindo como uma chicotada qualquer título de honra, apresenta-se como um principiante na escola cristã, confessa-se como o último dos fiéis da Igreja antioquena, autodenomina-se – como o fizera Paulo – um abortivo. E pede as orações

<sup>13</sup> Comparar com a expressão de Santo Inácio de Loyola «a vida verdadeira que nos mostra o sumo e verdadeiro Capitão», no exercício das Duas Bandeiras dos *Exercícios Espirituais* [139].

<sup>14</sup> Cf. J. F. SNYDER, *Op. cit.*, pp. 6-7.

<sup>15</sup> Ver o desenvolvimento deste tema em M. RACKL, *Op. cit.* pp. 201-205.

e a caridade de todos – sobretudo da Igreja de Roma, “a que obteve misericórdia”, a “amada e iluminada” por Deus, “a que preside na caridade” – para que lhe seja dada a força de mostrar-se como discípulo do Senhor até o fim, unindo-se a ele pelo martírio (cf. *Rom* 5,3; *Esm* 4,2).

### *Inácio de Antioquia, modelo para Inácio de Loyola*

Íñigo de Loyola mudou seu nome para “Inácio” durante os anos de estudos em Paris<sup>16</sup>. E o fez em honra de Inácio de Antioquia, ao qual tinha uma grande devoção, como confessa numa carta escrita a Francisco de Borja em meados de 1547: “O bem-aventurado santo, a quem tenho, ou pelo menos desejo ter, uma reverência e devoção muito especiais em Nosso Senhor”<sup>17</sup>. Íñigo tinha lido no livro *Flos Sanctorum* que quando os carrascos romanos arrancaram o coração do mártir Inácio, encontraram nele o anagrama IHS em letras de ouro. Significativamente Inácio de Loyola escolheu esse anagrama como selo e brasão da Companhia de Jesus e queria que ele estivesse gravado em todas as casas da ordem<sup>18</sup>.

Comentando a devoção do fundador da Companhia de Jesus ao nome de Jesus, escreve Ribadeneira: “No seu interior ardia a chama do amor ao Santíssimo Nome de Jesus, que segundo lemos, ardia também no peito do bispo mártir Inácio. E nosso Padre Inácio quis assemelhar-se a este Santo, não só no nome, mas ainda mais nas obras”<sup>19</sup>.

Como seu homônimo o bispo de Antioquia, Inácio de Loyola não se fecha no individualismo das experiências espirituais nem num espiritualismo desencarnado. Também para o convertido de Loyola a contemplação dos mistérios da vida de Cristo é o ponto de partida para o “conhecimento interno” da pessoa de Jesus Cristo, para amá-lo mais e para segui-lo mais de perto. E a partir da experiência do encontro pessoal com ele, nasce em Inácio o desejo de “ajudar às almas”, isto é, o ardente desejo de levar as outras pessoas a fazerem também elas a experiência pessoal do “conhecimento interno” de Jesus Cristo, do seu amor e do seu seguimento no serviço à sua Igreja.

De fato, o Espírito de Jesus, o Cristo, isto é, o Ungido pelo Espírito, move sempre as pessoas que o conhecem, que o amam e que querem segui-lo, a comportar-se como Jesus se comportou. Como o bispo de Antioquia, também Inácio de Loyola afirma reiterada e enfaticamente que o critério para reconhecer a autenticidade da presença e da ação do Espírito de

<sup>16</sup> Nas atas do curso escolar de 1531-1532 aparece já com o nome *Ignatius de Loyola*.

<sup>17</sup> *Monumenta Ignatiana*, I, p. 529.

<sup>18</sup> Cf. *Monumenta Ignatiana*, I, 2, 326-329.

<sup>19</sup> P. RIBADENEIRA, *De ratione instituti Societatis Iesu*, Roma, 1864, p. 49.

Jesus é o seguimento do Cristo pobre e humilde e a obediência e o serviço à Igreja do Crucificado, à Igreja peregrina na história, com sua santidade e beleza, por um lado, e com suas fragilidades e infidelidades, por outro.

### *Um amor crucificado, que move ao serviço*

A afirmação de Inácio de Antioquia na carta aos Romanos: “Meu amor está crucificado” (*Rom 7,2*), lida por Inácio de Loyola no *Flos Sanctorum*, foi posta em primeiro lugar na coleção de frases por ele coletadas<sup>20</sup>. Também para Inácio de Loyola, como para o bispo de Antioquia, o amor é verdadeiro quando é um amor crucificado, quando é um amor que segue o Cristo pobre e humilde. Esse mesmo critério para verificar a autenticidade do amor cristão é usado em outros escritos dos Padres Apostólicos como a *Didaqué* e o *Pastor de Hermas*. “Não todo aquele que fala em espírito é um profeta, mas somente aquele que tem a maneira de viver do Senhor” (*Did. XI, 8*). “Quem tem o Espírito divino, que vem do alto, é manso, tranqüilo e humilde [...]; faz-se a si mesmo o mais pobre de todos os homens” (*Pastor de Hermas*, Mandamento undécimo, 8).

«Meu amor está crucificado e não há em mim fogo para amar a matéria; mas há uma água viva que murmura e que diz dentro de mim: “Vem para o Pai!”» (*Rom 7,2*). Segundo Orígenes, o sentido da expressão «meu amor está crucificado (*ho emòs éros estáurotai*) é: «o objeto do meu amor, Jesus Cristo, foi crucificado». Mas a frase pode significar também «meu amor a Jesus Cristo está crucificado». Segundo esta interpretação, o desejo de Inácio seria morrer para estar unido definitivamente a Jesus Cristo<sup>21</sup>; seu desejo coincidiria com o expressado por Paulo: “Quanto a mim, que não me aconteça gloriar-me, a não ser da cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo. Por ela o mundo está crucificado para mim e eu para o mundo” (*Gl 6,14*; cf. também *Gl 5,24* e *Rm 5,3*).

Porque deseja unir-se a Cristo que morreu por ele, Inácio pede aos romanos que não o impeçam alcançar esta graça: “Eu vos suplico, não mostreis para comigo uma benevolência inoportuna. Deixai-me ser pasto das feras, por meio das quais poderei encontrar Cristo; incentivai-as para que sejam meu túmulo, e que não deixem nada do meu corpo, para que no meu último sono não seja uma carga para ninguém. Então serei verdadeiramente discípulo de Jesus Cristo” (*Rom 4,1-2*).

<sup>20</sup> Cf. *Monumenta Ignatiana*, I, 12, p. 678.

<sup>21</sup> Cf. M. RACKL, *Op. cit.*, pp. 371-375, onde são dadas as referências da interpretação de Orígenes e das interpretações de outros autores antigos. Comparar esse texto de Inácio de Antioquia com o colóquio diante de Cristo Crucificado, no fim da primeira meditação da primeira semana [53] dos *Exercícios Espirituais* de Inácio de Loyola e com os colóquios dos exercícios-chave da segunda semana.

Não obstante o desejo ardente de estar com Cristo, de ser moído pelos dentes das feras para tornar-se pão puro de Cristo, o bispo de Antioquia viveu intensa e fielmente, até o fim de sua vida, o serviço à Igreja de Antioquia e às Igrejas irmãs. O místico que deseja morrer para viver para sempre unido ao seu Senhor é também o «bispo», o «supervisor» sempre vigilante de sua Igreja, e que se preocupa também pelos cristãos das outras Igrejas, com os quais se encontra nas estações do seu caminho para o martírio.

Inácio não fundamenta sua autoridade para aconselhar as Igrejas no ofício episcopal, mas na imitação de Cristo e na entrega à morte por amor a ele. Depois de falar da relação entre a fé e a caridade como critério do verdadeiro discípulo, como «o começo e o fim da vida» (cf. *Efes* 14), escreve: «É melhor calar e ser do que falar e não ser. É bom ensinar, quando se faz o que se diz. Assim, um é o Mestre, “que falou e tudo foi feito”» (*Efes* 15,1).

A relação entre fé e amor e entre amor e serviço aparece uma e outra vez nas cartas do bispo de Antioquia. “Que ninguém fique orgulhoso por causa de sua posição, porque o essencial é a fé e a caridade, às quais nada se deve preferir” (*Esm* 6,1). Imediatamente depois desta afirmação, a mesma carta fala dos que não reconhecem a graça de Deus que nos foi revelada e oferecida em Jesus Cristo, e dos que não praticam a caridade, nestes termos: “Não têm nenhum cuidado da viúva, nem do órfão, nem do oprimido, nem dos prisioneiros ou libertados, nem dos que passam fome ou sede” (*Esm* 6,2).

Porque o verdadeiro amor é sempre dom de si e entrega ao serviço da comunidade, a vinculação entre «mística» e «serviço» aparece, de uma ou de outra forma, em todas as cartas do bispo de Antioquia. «Um cristão não tem poder sobre si mesmo, mas está à disposição de Deus», escreve na carta a Policarpo (*Políc* 7,3). «Nada está por cima da fé e da caridade», escreve na carta aos cristãos de Esmirna (6,1). E na carta aos efésios diz que «a fé e a caridade são o começo e o fim da vida: o começo pela fé e o fim pela caridade. Estas duas virtudes, unidas, nos dão Deus; e tudo o mais é consequência para a perfeição» (*Efes* 14,1; cf. também *Efes* 10,1-3; 14,1-2; *Esm* 6,2-7).

### ***Relação entre oração e ação; e entre a carne de Jesus, a celebração da Eucaristia, a “carne” da Igreja e a prática da caridade***

Os conselhos dados ao seu amigo Policarpo sobre a oração revelam-nos a vida de oração do próprio Inácio e como ele vivia a relação entre a oração e a ação. A oração abria diariamente os olhos do bispo de Antioquia, até penetrar os céus com seu olhar (cf. *Tral* 5,2); iluminava o caminho a ser percorrido e era o alimento que lhe dava força para o

serviço e o testemunho de cada dia. Inácio, que se autodenominou *theofóros*, “portador de Deus”, exorta aos cristãos de Éfeso para que sejam também eles *theofóroi*, «portadores de Deus» e *christofóroi*, «portadores de Cristo».

O uso das preposições nas cartas de Inácio, estudado por G. F. Snyder, mostra que, ao contrário do que afirmam outros intérpretes, o bispo de Antioquia busca mais a participação do que a imitação<sup>22</sup>. A existência «sárquica» da Igreja, isto é, a existência da Igreja na história, é análoga à existência de Jesus Cristo «na carne». «A existência histórica da Igreja não é senão sua participação na existência histórica de Jesus Cristo»<sup>23</sup>. Da existência crucificada da Igreja segue-se a exigência de um comportamento ético como o de Jesus, movido pela fé e pelo amor, um amor que ama, que se entrega «até o extremo». A salvação, o seguimento, o serviço realizam-se, não num mundo «espiritualizado», «etéreo», mas na existência carnal cotidiana.

Snyder resume sua tese nestes termos: Para Inácio, como para João, «o teste definitivo do cristão é a unidade com a existência histórica de Jesus na vida da Igreja. Os hereges não comparecem à liturgia nem oram com a Igreja; eles disputam e não ajudam as viúvas e os órfãos. Eles são os que se preocupam com a cosmologia, os que separam fé e história (... Para Inácio), a união entre fé e história, ou ética, é o que caracteriza a *sarx* de Jesus, que continua na *sarx* da Igreja»<sup>24</sup>.

Duas afirmações de Inácio de Antioquia sobre a Eucaristia se tornaram famosas: a de *Efes* 20,2, onde a Eucaristia é descrita como «remédio de imortalidade, antídoto que nos preserva da morte e que nos assegura a vida em Jesus Cristo para sempre»<sup>25</sup>; e a da carta aos Romanos, onde Inácio escreve: «É o pão de Deus que eu quero, que é a carne de Jesus Cristo, da raça de Davi, e como bebida quero seu sangue, que é amor incorruptível» (*Rom* 7,3)<sup>26</sup>.

A «carne de Jesus Cristo» é para Inácio, como vimos, a pessoa histórica de Jesus Cristo, que nasceu de Maria, que foi batizado por João no Jordão, que foi crucificado, morto e sepultado no tempo do governador Pôncio Pilatos; é a carne de Jesus que, no terceiro dia, foi ressuscitada pela bondade do Pai. Para Inácio essa dimensão «carnal» é também constitutiva da Eucaristia. Por isso, os gnósticos do séc. II, que não aceitavam que o Verbo eterno de Deus pudesse se encarnar, assumir verdadeiramente nossa carne, viver a nossa vida e morrer crucificado;

<sup>22</sup> *Op. cit.*, pp. 6-7.

<sup>23</sup> *Ibidem*, 9.

<sup>24</sup> *Ibidem*, 12.

<sup>25</sup> Cf. o comentário de P. Th. CAMELOT, *loc. cit.* p. 90, nota 2, e pp. 160s., notas 2 e 3.

<sup>26</sup> Cf. P. TH. CAMELOT, *loc. cit.*, p. 136.

que eram incapazes de compreender que o caminho da pobreza, da paixão e da cruz fosse o caminho escolhido por Deus para a nossa salvação; esses mesmos gnósticos também não acreditavam que a Eucaristia fosse comunhão com a carne e o sangue de Cristo.

Inácio de Antioquia expressa a concepção e a prática dos gnósticos com relação à Eucaristia nestes termos: “Abstêm-se da Eucaristia e da oração, porque não reconhecem que a Eucaristia é a carne de nosso Salvador Jesus Cristo, carne que padeceu por nossos pecados e que o Pai, em sua bondade, ressuscitou. Ser-lhes-ia bem mais útil praticarem a caridade para também ressuscitarem” (*Esm 7,1*).

Segundo o bispo de Antioquia, pelo contrário, ao sermos alimentados com a Eucaristia, «participamos da existência histórica de Jesus»<sup>27</sup>. «Comer a *carne* de Jesus [na Eucaristia] é participar da existência salvadora de Jesus Cristo através da *carne* da Igreja»<sup>28</sup>. «Inácio insiste uma e outra vez em que não há adoração, nem Eucaristia nem mesmo verdadeira vida fora da *sarx* da Igreja, que é a *sarx* de Jesus. O querigma é simplesmente o que faz a conexão entre a *sarx* eclesial e a *sarx* de Jesus»<sup>29</sup>. Sem a união entre *sarx* e *pneuma* não existe Eucaristia; assim como não existe vida cristã nem existe Igreja.

Escrevendo aos cristãos de Esmirna, Inácio mostra a relação inseparável da Eucaristia com a oração e com a prática da caridade. Falando dos gnósticos, no texto já citado, Inácio sublinha essa relação entre a Eucaristia, a carne de Cristo e a prática da caridade: “Eles se abstêm da Eucaristia e da oração, porque não confessam que a Eucaristia é a carne de nosso Salvador Jesus Cristo, [carne] que sofreu por nossos pecados, e que o Pai, na sua bondade, ressuscitou (...). Se praticassem a caridade, ressuscitariam também eles” (*Esm 7,1*). Por essas mesmas razões, os gnósticos contemporâneos de Inácio também não celebram com os membros das comunidades cristãs, mas nos círculos fechados dos que se consideram espirituais. Porque não reconhecem a humildade da humanidade de Jesus, também não têm caridade com os irmãos mais simples e mais pobres.

O bispo de Antioquia exorta os destinatários de suas cartas a participar da Eucaristia aduzindo como argumentos justamente as razões contrárias às dos gnósticos:

“Sede solícitos em tomar parte numa só Eucaristia, porquanto uma é a carne de Nosso Senhor Jesus Cristo, um o cálice para a união com seu

<sup>7</sup> G. F. SNYDER, *Op. cit.*, p. 10.

<sup>28</sup> *Ibidem*, 11.

<sup>29</sup> *Ibidem*, 12.

sangue; um o altar, assim como também um é o Bispo, junto com o presbitério e diáconos” (*Filad 4,1*).

“Não se iluda ninguém. Se não se encontrar no interior do recinto do altar, ver-se-á privado do pão de Deus. Vede, se a oração de um e dois possui tal força, quanto mais então a do bispo e de toda a Igreja! Aquele que não vem à reunião comum já se revela como orgulhoso e se julgou a si próprio, pois está escrito: ‘Deus se opõe aos orgulhosos’” (*Efes 5,2-3*).

“Considerai bem como se opõem ao pensamento de Deus os que se prendem a doutrinas heterodoxas a respeito da graça de Jesus Cristo, vindo a nós: Não lhes importa o dever de caridade, nem fazem caso da viúva e do órfão, nem do oprimido, nem do prisioneiro ou do liberto, nem do que padece fome ou sede” (*Esm 6,2*).

A relação entre experiência mística e zelo apostólico, entre celebração da Eucaristia, edificação da comunidade e missão, relação vivida e proclamada por Inácio de Antioquia, será também, quinze séculos mais tarde, uma das características mais marcantes da espiritualidade de Inácio de Loyola.

**Álvaro Barreiro Luaña SJ**, Licenciado em Teologia pela Universidade de Innsbruck (Austria) e doutor em Teologia pela Pontificia Universidade Gregoriana — Roma (1973). Foi professor e exerceu diversos cargos de direção no Departamento de Teologia da PUC-RJ, durante 9 anos, e no Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus em Belo Horizonte durante 18 anos. Atualmente trabalha no Rio de Janeiro, como assessor na Cúria Provincial Jesuíta e na formação dos leigos. Seus quatro últimos livros publicados pelas Edições Loyola são: *A Parábola do Pai Misericordioso*, 1998, 5ª ed.; *Igreja, Povo santo e pecador*, 2001, 2ª ed.; *O itinerário da fé pascal: A experiência dos discípulos de Emaús e a nossa* (Lc 24,13-35); *Contemplar a vida de Jesus*, 2002.

**Endereço:** Rua Bambina 115 — Botafogo  
22251-050 — Rio de Janeiro — RJ  
e-mail: alvaro@mls.com.br